

Pedro Baère da Faria *
João Viana Antunes **

Povoamento e morte na paisagem de Ariola (Meda): subsídios para uma diacronia da ocupação

Banhos de Ariola é uma área banhada pela Ribeira da Teja que, como o topónimo evidencia, é marcada pela existência de umas pequenas termas de águas sulfurosas, cujo aproveitamento terapêutico se terá iniciado em Época Romana¹ (embora nada haja aí que o comprove), tendo-se a sua posterior reanimação dado no século XVIII (1717/1788). No sítio da Ponte Velha, ergue-se actualmente uma ponte sobre a Ribeira da Teja que, tal como está, não tem mais de 100 anos. No entanto, o topónimo não é de desprezar, sabendo que, bem próximo, a tradição coloca a passagem da via romana Mérida – Meda – Marialva – Ranhados².

Situada a Norte da pequena povoação de Banhos de Ariola (freguesia de Outeiro de Gatos), localiza-se uma típica exploração da região serrana: a Quinta do Paço (Fig. 1). Está inserida na bacia de uma pequena linha de água, o Ribeiro do Paço, um afluente da Ribeira da Teja que é, simultaneamente, a linha de fronteira que divide as regiões vinícolas demarcadas dos vinhos do Douro e Dão.

Abarcando as duas margens do Ribeiro do Paço, a quinta beneficia dos bons solos agrícolas, bem providos pela água de tão providencial vizinhança. Aí são plantadas batatas e semeado o milho. Aí verdejam os prados nas baixadas mais húmidas. Os vinhedos que outrora invadiram as encostas são agora menos numerosos, a avaliar pelos socalcos abandonados e pelas ruínas dos velhos muros de suporte. Geologicamente constituída por granitos, a área da quinta exhibe uma flora onde predominam os carvalhos e os amieiros que pespontam o curso de água. No terreno de monte e nas zonas não agricultadas cresceu o pinhal e medraram vigorosos giestais.

* Arqueólogos. Investigadores do GEHVID.

¹ ALARCÃO, Jorge de – *Roman Portugal*. England, s.d., vol. 2, p. 54.

² Diz a tradição que pelas localidades referidas passava uma estrada romana.

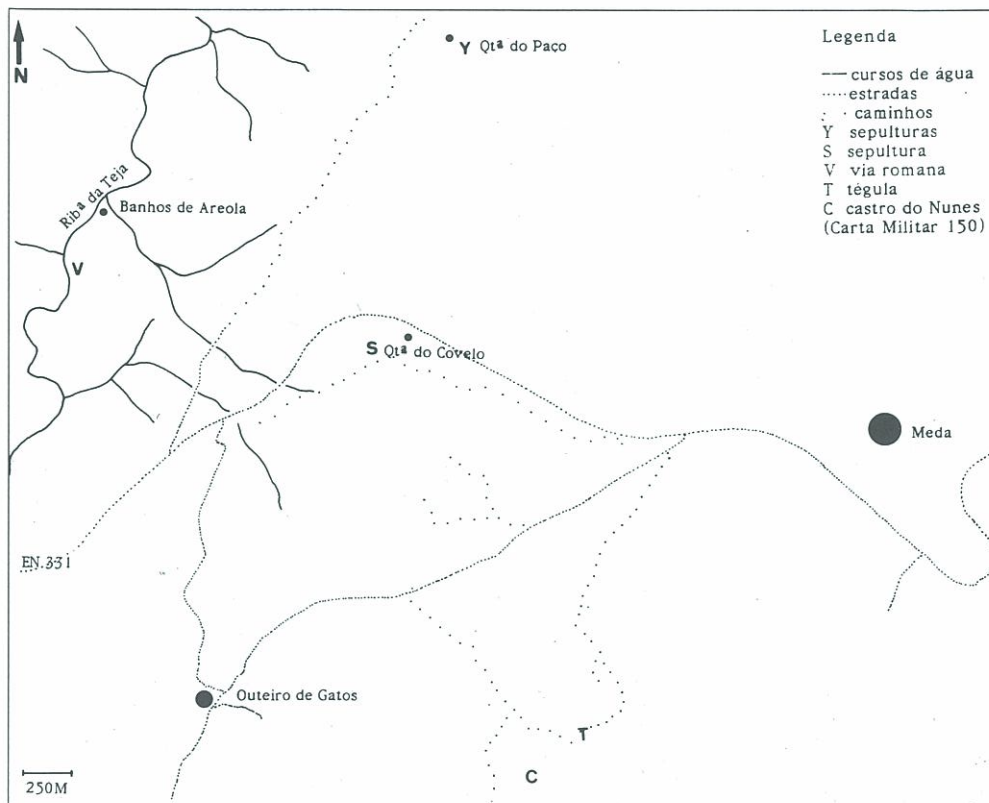


Fig. 1

De acordo com o topónimo – *palatium* – existe bastante *tegula* nos actuais vinhedos que rodeiam a casa da quinta: uma modesta construção com as suas cortes, onde apesar de tudo não falta uma adega aproveitada de uns velhos par-dieiros. Nada indica que tenha havido casa de maiores dimensões ou de lavra que indicie sinais exteriores de riqueza económica e prestígio social. Os vestígios materiais mais antigos são as *tegulae* e as sepulturas cavadas na rocha e, ao que tudo indica, dadas as cronologias tardias da *tegula*³, estes achados não andarão temporalmente muito desfasados. Se estes vestígios forem dos finais do mundo romano ou alti-medievais, confirmam, pelo menos, que a ocupação deste pequeno vale se terá iniciado nos finais da romanidade ou já em época suevo-visigótica. Não muito distante da actual casa e de acordo com a distribuição de *tegula* espalhada, sobretudo para Sul, foi construída a casa da primeira ocupação que terá perdurado até à abertura dos túmulos cavados na rocha. A crer na cor-

³ ALMEIDA, Carlos Alberto Bochado de – *Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, exemplar policopiado apresentado na Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Vol. VII, p. 322-323.

recção da cronologia proposta para este tipo de manifestações – séculos IX-XI⁴ – a sua elaboração ocorreu no período da dominação árabe ou imediatamente após e há todas as condições para que a utilização da *tegula* na cobertura das casas nesta região tenha perdurado algo mais do que no litoral norte do país, ou mesmo noutras regiões da Península Ibérica⁵.

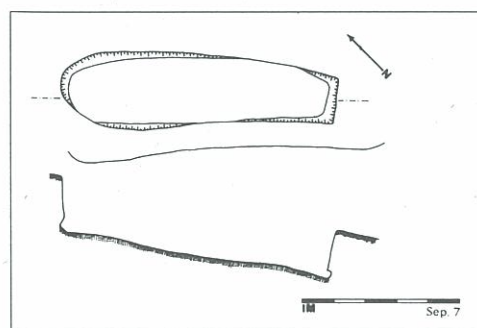
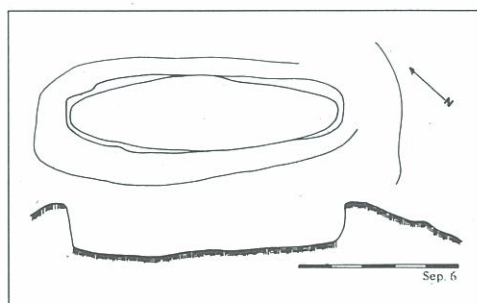
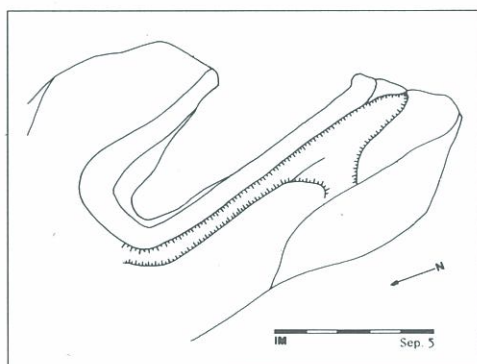
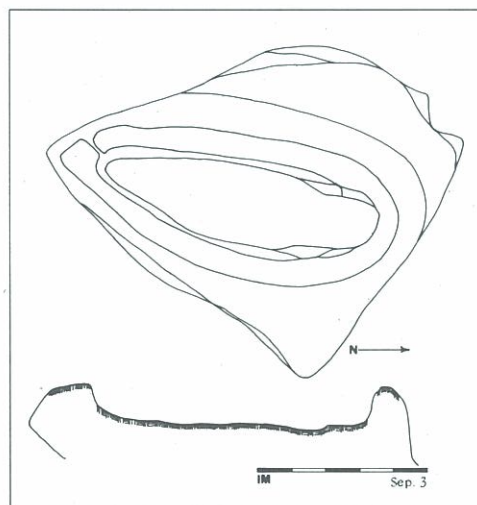
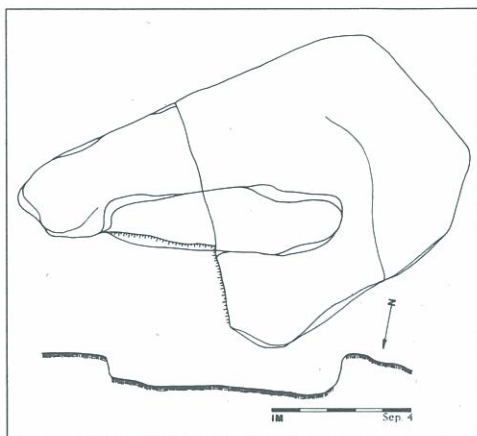
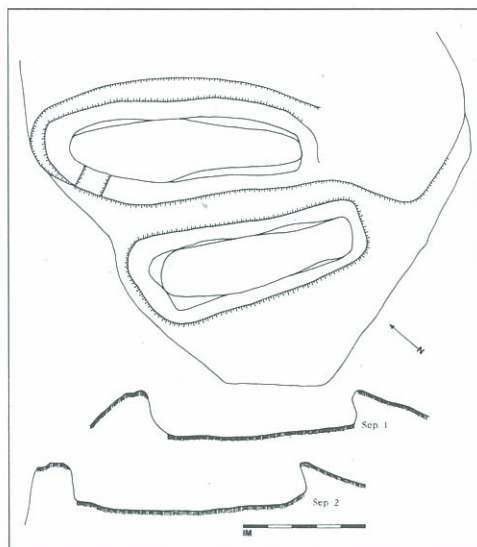
O que parece inequívoco é que as sepulturas cavadas na rocha existentes na Quinta do Paço foram usadas para inumar os membros da família que viveu nesta exploração, fazendo deste conjunto tumular o seu cemitério particular. São, sem dúvida, até pela sua própria tipologia, sepulturas abertas em momentos distintos, num intervalo temporal que poderá abarcar dois séculos, pelo menos. Esta observação alicerça-se, não só pelo formato, mas igualmente pelas orientações que os túmulos evidenciam (Est. I), bem como pelo distanciamento entre si, num claro aproveitamento do afloramento rochoso disponível.

São oito as sepulturas da Quinta do Paço, distribuídas por quatro distintos núcleos, encontrando-se uma delas cortada e voltada ao contrário. Possivelmente terão existido mais, se atendermos ao facto de uma delas se encontrar semi-desstruída junto da casa. O afloramento onde foi concebida terá sido afectado pela construção do edifício e de um dos anexos que o acompanham.

Todos os túmulos se encontram dispersos por uma encosta com afloramentos graníticos que se estende para Poente da casa. A única nota discordante é dada por dois deles, alinhados paralelamente, a aproveitar a mesma rocha (os números 1 e 2). Com orientação e tipologia idênticas, tudo indica que se trate de um grupo familiar, porventura um casal que quis permanecer unido após a morte. Próximo destas, a Este, localiza-se a número 7. As sepulturas números 3, 4, 5 e 6 estão bastante mais próximas da casa, todas elas concebidas em rochas isoladas. As mais adjacentes são as números 5 e 6, que distam entre si 3,5 m. A distância entre a número 6 e a número 3 é de cerca de 20 m e entre esta última e a número 4 é de 10 m.

⁴ BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Porto, 1987. p. 140. Exemplar policopiado da dissertação apresentada no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁵ ALMEIDA, Carlos Alberto Bochado de – o. c., p. 320-321. Para outras opiniões sobre a temática: ALMEIDA, Carlos A. Bochado de – *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*. Viana do Castelo, 1990, p. 62-68 (Estudos Regionais; 7/8); BONARD M. de; RIU, M. – *Manual de Arqueologia Medieval*. Barcelona, 1977, p. 62-63; CHAPELOT, Jean; FOSSIER, Robert – *Le Village et la Maison au Moyen Âge*. Paris: Hachette, 1988, p. 324; PEREIRA, Félix Alves – *Rascunhos de Velharias de Entre Douro-e-Minho*. «O Archeólogo Português». Lisboa. 28 (1927-29), p. 23 e 155; RIU, Manuel – *Contribution à l'Étude des Techniques de Construction au Moyen Âge. Parements, modiles et outils*. In «Techniques et Sources Documentaires: Actes du Colloque du G.I.S., Aix-en-Provence 1982». Paris: CNRS, 1984, p. 53-70.



Sepulturas 1 e 2

Possuem configuração antropomórfica, embora desprovidas de encaixe para a cabeça. Apresentam inclinação para os pés, particularmente nítida na número 1. Ambas exibem um bem dimensionado rebordo realçado pelo desbaste da pedra, sobretudo no espaço que as separa (Est. II A). Tanto este rebordo como aquele que rodeia as sepulturas serviam para escoamento das águas pluviais. A sua orientação é Noroeste/Sudeste e possuem as seguintes medidas:

Dimensões da sepultura 1: Comprimento – 1,70 m

Larg. ombros – 0,48 m

Larg. pés – 0,32 m

Prof. média – 0,38 m

Dimensões da sepultura 2: Comprimento – 1,90 m

Larg. ombros – 0,46 m

Larg. pés – 0,30 m

Prof. média – 0,38 m

Sepultura 3

Encontra-se bem conservada. Foi cavada num rochedo, ocupando-o quase totalmente. Tem uma configuração antropomórfica, com um encaixe pouco pronunciado para a cabeça e ombros bem vincados. Possui uma inclinação razoável para os pés, onde um orifício aberto na parede serviria para escoar as águas pluviais se o seu posicionamento algo elevado não o tornasse infuncional e, por isso, levar-nos a admitir que tenha sido feito posteriormente.



EST. IIA – Quinta do Paço (Ariola)

Tem rebordo bem pronunciado em quase todo o seu perímetro, excepção feita aos pés, onde já não havia espaço disponível na rocha para o fazer.

A sua orientação é Norte/Sul, afinal a única orientação possível, de acordo com a configuração e espaço da rocha que não permitia satisfazer rigores canónicos.

Dimensões: Comprimento – 1,70 m

Larg. ombros – 0,46 m

Larg. pés – 0,29 m

Prof. média – 0,33m

Sepultura 4

Foi aberta na berma de um afloramento granítico, o qual foi, entretanto, fragmentado, afectando o lado direito do túmulo. Trata-se de um exemplar antropomórfico, com a tradicional depressão para a cabeça mais elevada do que o resto do corpo, evidenciando uma ténue delimitação dos ombros. Está orientada no sentido Oeste/Este.

Dimensões: Comprimento – 1,70 m

Larg. ombros – 0,52 m

Larg. pés – 0,30 m

Prof. média – 0,38 m

Sepultura 5

É a que está mais próxima da casa, junto das escadas que dão acesso ao interior. Foi parcialmente destruída, desaparecendo a totalidade da parede dos pés e uma boa parte do lado direito, o que desfigurou o seu formato trapezoidal. A cabeceira é soerguida interiormente. Possui rebordo somente do lado esquerdo – o mais elevado – tendo sido cavado um pequeno canal para o escoamento da água infiltrada. A orientação Norte/Sul é devida ao aproveitamento do espaço que a pedra oferecia, impossibilitando, tal como a número 3, quaisquer outras hipóteses de orientação.

Dimensões: Comprimento – 1,60 m

Larg. ombros – 0,40 m

Prof. média – 0,40 m

Sepultura 6

Está a cerca de 3,5m da número 5. Foi também cavada com a única orientação disponibilizada pela pedra: Noroeste-Sudeste. Tal como as demais, possui rebordo e o ligeiro pendor interior da cabeça para os pés.

Dimensões: Comprimento – 1,76 m

Larg. ombros – 0,44 m

Larg. pés – 0,32m

Prof. média – 0,30m

Sepultura 7

Encontra-se bem próxima das sepulturas 1 e 2. A rocha proporcionou-lhe a orientação Noroeste-Sudeste e o seu antropomorfismo incipiente é vincado pela grande inclinação que apresenta da cabeceira para os pés. Pormenor algo peculiar é-lhe conferido pelo rebordo interno que, na sua base, corre em todo o perímetro.

Dimensões: Comprimento – 1,76 m

Larg. ombros – 0,49m

Larg. pés – 0,34 m

Prof. média – 0,33 m

Estamos perante um núcleo cemiterial que terá acolhido várias gerações dos exploradores agrícolas desta região – os responsáveis pelo aproveitamento dos favoráveis recursos naturais que a encosta suave e ensolarada proporcionava. Se a quantidade de pedra disponível para ser trabalhada com funções sepulcrais deste tipo não era muita⁶ e não facilitava orientações ortodoxas, os habitantes souberam, pelo menos e dentro das possibilidades, cuidar de detalhes conceptuais mais ou menos laboriosos, como são os casos do antropomorfismo e rebordos evidenciados por alguns exemplares deste conjunto tumular.

A cerca de 1,5 Km para Sul da Quinta do Paço, na Quinta do Covelo (Meda) encontra-se, ao que tudo indica, uma sepultura isolada, igualmente cavada na rocha (fig. 2; Est. II B).

A Quinta do Covelo é uma extensa propriedade à margem da estrada Ranhados – Meda, bem próxima de uma antiga via (romana?) abandonada, onde, numa encruzilhada, existe uma memória granítica gravada com uma cruz e a data de 1898. A exploração agrícola está situada numa zona de planalto, com ligeiras variações topográficas, salpicada com alguns casebres de apoio para abrigo de alfaías e produção. Os vinhedos alternam com pequenos campos de trigo e centeio pontuados aqui e além por árvores de fruta, em geral macieiras. Numa pequena área inóspita, com insignificantes afloramentos graníticos, crescem as silvas e as giestas à sombra de castanheiros e carvalhos. É precisamente num destes granitos emergen-

⁶ Apesar de tudo, o granito abunda por toda a região, embora, por vezes, esteja bastante fragmentado ou a sua qualidade não seja de molde a permitir grandes intervenções, razão pela qual se registam casos de reaproveitamentos da pedra de melhor qualidade. A 4 Km para Norte da Quinta do Paço, mais propriamente em Vale de Porco, existe uma indicação da existência de menhires a sustentarem alpendres. Cf. SIÃO, Francisco José Moreira – *A Vila da Meda e o seu Concelho*, p. 209. As nossas buscas revelaram-se infrutíferas, apenas deparando com exemplares alheios a qualquer identificação com este género de megálitos ou mesmo do tipo estelas-menhir. Apenas existe um esteio volumoso a sustentar um coberto, talhado em grauvaque, que se destinaria a sustentar telhados ou sobrados.

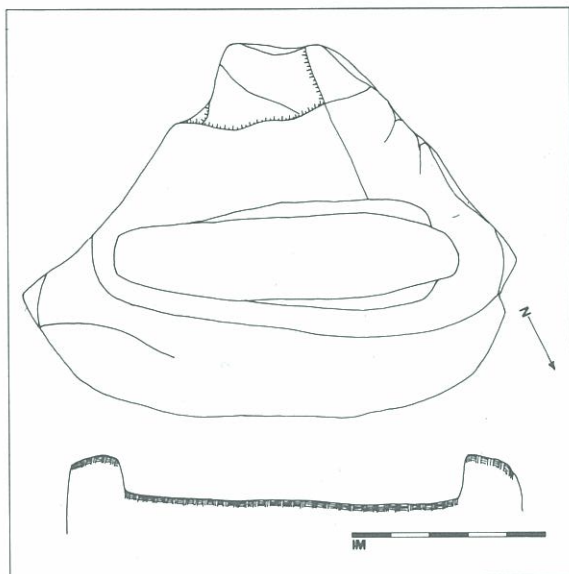
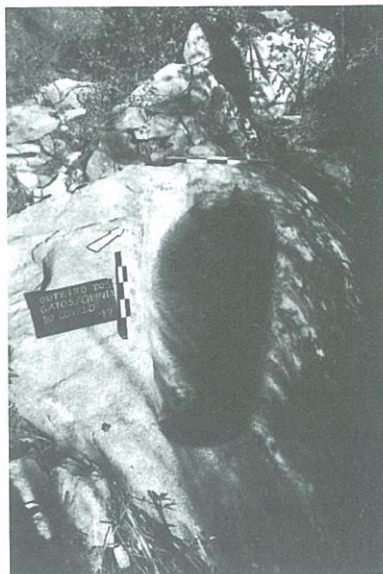


Fig. 2



Est. IIB

tes que se encontra uma sepultura cavada na rocha, orientada a Oeste/Noroeste-Este/Sudeste, com feição antropomórfica e as seguintes dimensões:

Comprimento – 1,79 m

Larg. ombros – 0,53 m

Larg. pés – 0,32 m

Prof. média – 0,26m

Este exemplar parece estar isolado na actualidade. Outras haveria, possivelmente, mas o revolvimento do terreno circundante com máquinas inviabilizou qualquer conservação do que tivesse anteriormente existido, desconhecendo-se e sendo impossível de avaliar qual o tipo de ocupação que teria permanecido nas imediações.

Voltando a Outeiro de Gatos (Meda), para o lado Este e a cerca de 2 Km para Sudeste da Quinta do Covelo, encontra-se o Castro do Nunes, um cabeço de reduzidas dimensões, muito destruído, com a cota de 787 m, emergente num pequeno planalto (Fig. 1). À excepção de um fosso que o rodeia parcialmente pelo lado Sul, não se vislumbram quaisquer defesas. Para Nascente, estende-se um amplo vale plantado com vinha bem cuidada.

Dispersa pelo morro, abunda a pedra fragmentada sem sinais de qualquer pico ou esquadria, mas o sítio dos Tanhoses pode bem ter sido escolhido para uma ocupação iniciada por alguns moradores deste castro que não comportaria mais do que uma escassa dezena de habitações, afinal um pequeno *habitat* cuja economia aproveitaria a aptidão agrícola da encosta nascente e a prática da pastorí-

cia nas imediações. A hipótese do cabeço ter sido aproveitado posteriormente para a instalação de uma atalaia medieval também não é de todo dispicienda, uma vez que obtinha um amplo controlo da região envolvente; no entanto, nada no terreno nos indica tal utilização.

Se o Castro do Nunes não evidencia claramente a ocupação que acolheu⁷, tal não se verifica, contudo, no sítio de Telhões, situado numa zona planáltica a cerca de 2 Km para Este de Outeiro de Gatos (Fig. 1)⁸. Esta zona sulcada por algumas pequenas linhas de água oferece, na actualidade, terreno propício ao desenvolvimento de alguma agricultura, nomeadamente de produtos hortícolas, pequenas searas, vinha e árvores de fruto. Telhões é, designadamente, uma pequena área que se estende desde a vertente do *habitat* do morro do Nunes, na orientação de Poente e de Norte. Trata-se de uma zona pedregosa, algo árida na cota mais elevada mas agricultável na proximidade dos cursos de água. Como o próprio nome sugere, é neste espaço que é possível encontrar alguma *tegula* e pedra de construção, presumivelmente oriunda de uma ocupação aqui erguida no decorrer da romanização. É bem provável que os seus primeiros moradores tenham vindo do vizinho castro, numa altura em que a vida no primitivo *habitat* era já incompatível com a filosofia económica, tradição e vivências que acompanhavam o dominador romano.

Temos assim uma área não muito vasta onde se sucedem ocupações humanas mais ou menos diacrónicas que procederam ao aproveitamento dos recursos naturais disponíveis na margem esquerda do Douro. A exploração agrícola, bem como a alteração das propriedades e/ou o seu redimensionamento, à medida das necessidades dos povos e das culturas que foram animando o território, foi legando os vestígios que agora são objecto de rastreio e interpretação, contribuindo para a história do Alto Douro.

⁷ SIÃO, Francisco José Moreira – o. c., p. 207-210, coloca em Santa Colomba, Poço do Canto (Meda) um castro. Pelo trabalho de campo que desenvolvemos, este local, que dista cerca de 2 Km para Nordeste da Quinta do Paço, não possui quaisquer características que sublinhem tal opinião. Não só não apresenta vestígios comuns a um *habitat* da Idade do Ferro, como estão ausentes os sinais que suporiam a instalação de uma ocupação romana nesta área que, na actualidade, se encontra totalmente vocacionada para o cultivo da vinha.

⁸ SIÃO, Francisco José Moreira – o. c., p. 200-201.